

Resenha

MONTEIRO, Joaquim. *O budismo yogacara*. Uma Introdução. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, 156p.

*Derley Menezes Alves*¹

O livro do professor Joaquim Monteiro, *Budismo yogacara*, apresenta os conceitos básicos desta escola do budismo antigo. Trata-se de um texto de divulgação, o que não deve nos iludir quanto a complexidade do tema. A escola yogacara é uma das correntes do budismo mahayana que defende, em última instância uma centralidade da mente ou consciência como espaço privilegiado de conhecimento e caminho para a libertação final. O livro do professor Joaquim se divide em quatro partes, a saber, o ponto e vista do pensamento yogacara, a concepção da consciência, as funções da consciência e a realização da verdade.

A definição inicial da escola yogacara apresentada pelo autor afirma que esta é uma escola de budismo mahayana que nega o objeto externo ao mesmo tempo em que apresenta a doutrina das oito consciências. Os textos utilizados pelo autor como base para sua apresentação são as *trinta estâncias sobre a pura consciência* de Vasubhandu e o *tratado da realização da pura consciência* de Dharmapala. Na medida em que esta escola apresenta uma elaborada doutrina acerca da consciência e na medida em que não temos até o presente obras sobre budismo yogacara no Brasil, temos aqui dois possíveis diálogos: um com a psicologia e outro no contexto dos estudos de budismo no Brasil.

O ponto de vista do yogacara pode ser sintetizado em dois elementos, a saber, vazio do atman e vazio dos dharmas, sendo que este último é típico do mahayana. Nesse sentido cabe investigar acerca do modo yogacara de

¹ Professor do Instituto Federal de Sergipe, aluno do doutorado em ciência das religiões pela UFPB, membro do Grupo de Pesquisa em Gênero e Sexualidades em Fluxo – IFS. E-mail: derley@gmail.com.

compreensão do vazio dos dharmas. O vazio dos dharmas na escola yogacara é compreendido em dois aspectos, a saber, negação da existência do objeto externo e afirmação da realidade exclusiva dos processos de consciência. São aspectos exclusivos desta escola a negação do objeto externo e a apresentação de oito consciências ao contrário das seis consciências típicas do budismo clássico e do mahayana.

Quanto às cinco consciências derivadas dos sentidos, os yogacara defendem que da consciência do objeto enquanto conteúdo mental, não somos autorizados a concluir pela existência de objetos reais equivalentes, ou seja, só existem as consciências e não seus objetos. A sexta consciência tem a função de síntese e organização dos dados das cinco consciências supracitadas. As sétima e oitava consciência existem em relação mútua, ou seja, a sétima tem a oitava consciência como objeto e a concebe enquanto atman eterno e permanente, o que leva a continuidade do Samsara. A oitava consciência é aquela que armazena e projeta para o futuro as sementes cármicas. De acordo com nosso autor embora apenas a oitava receba o nome de alayavijnana, ambas deveriam ser entendidas como “sistema Manas-Alaya”.

Em seguida o autor apresenta as duas modalidades de apego vinculadas aos dois tipos de vazio acima apresentados. O apego ao atman dá origem às paixões e o apego aos dharmas origina os obstáculos de tipo intelectual. Tanto o apego ao atman quanto o apego aos dharmas são apresentados em duas modalidades, inerentes e derivados, ou seja, a priori derivado do Alayavijnana e o derivado do discernimento a posteriori fundado em falsos ensinamentos. A superação do apego aos dharmas são as mais difíceis de eliminar e tal ocorre seguindo pela via do caminho do cultivo (práticas de meditação). O apego aos dharmas é superado pela entrada no caminho, o caminho da visão. Nesse sentido, a conclusão do autor é que há no yogacara uma ênfase no caminho do cultivo dada a importância que esta escola atribui à meditação.

O segundo capítulo nos apresenta a concepção yogacara da consciência, aqui somos apresentados às três transformações cujo conteúdo consiste nas oito consciências. A síntese desse processo pode ser descrita da seguinte forma: oitava, sétima e as seis outras, respectivamente equivalendo a primeira, segunda e terceira transformações. No caso da oitava consciência, também chamada de alayavijnana, temos como suas principais características a causalidade dos dharmas, a noção de retribuição cármica e o aspecto de conservação das sementes cármicas passadas. É como se tomássemos o primeiro aspecto como uma noção geral de causalidade (responsável pelo apego e pela continuidade do devir cíclico na medida em que ela é vista pela sétima consciência como um eu eterno) e os seguintes como sendo descrição de efeito e causa que fazem com que o devir cíclico continue.

A segunda transformação ocorre em relação estreita com a primeira, posto que a sétima consciência toma a oitava como seu objeto. Tendo como elemento característico o aspecto calculador, a sétima consciência se define como tendo a função de discernir ou considerar. Ao voltar-se para a oitava consciência esta função discerne-a falsamente com um atma. Com esta falsa discriminação a sétima consciência se converte na causa direta do devir cíclico e a oitava enquanto objeto deste discernimento errôneo se torna causa indireta. Este discernimento é acompanhado por quatro paixões, a saber, ignorância, visão, orgulho e amor tendo como seu objeto o atma.

Quanto a terceira transformação, o autor apresenta como seus objetos as seis consciências (cinco sentidos mais a mente) do budismo clássico e o fato delas não serem maléficas nem benéficas. O diferencial da escola yogacara é no modo como esta concebe a função da sexta consciência. Se no budismo clássico esta tem por objeto dharmas mentais independentes dos sentidos, na visão yogacara sua função é identificar e sintetizar aquilo fornecido pelas cinco primeiras consciências, o que dá a esta consciência, segundo a visão yogacara uma

multiplicidade de objetos, ao contrário da visão do budismo clássico que prevê um objeto para cada consciência.

O capítulo três nos apresenta as funções mentais de acordo com a escola yogacara. Trata-se do capítulo mais extenso do livro, afinal o que se pretende com ele é apresentar 51 dharmas mentais. Devido a este aspecto, tentaremos manter a exposição breve, mencionando os grupos e quais funções mentais estão em cada grupo. Por ter como objeto as oito consciências a análise das funções da consciência no yogacara é mais complexa do que aquela do abhidharma clássico.

O pensamento yogacara apresenta seis categorias de funções da mente, a saber, funções gerais, específicas, benéficas, paixões, paixões dependentes e funções indefinidas. Quanto ao número o total delas é de 51 funções (5 gerais, 11 benéficas, seis paixões, 20 paixões dependentes e 4 indefinidas). Funções gerais estão presentes em todos os instantes de consciência, específicas estão presentes em uns e não em outros, benéficas conduzem à realização do caminho e devemos superá-las, paixões conduzem à continuidade do Samsara devendo ser superadas, as paixões dependentes derivam das anteriores e as indefinidas podem ser benéficas, maléficas ou neutras a depender de outros fatores.

Segundo Monteiro, o aspecto supramundano do budismo apresenta uma perspectiva ética finalista, posto que há uma meta final a se alcançar mediante a prática religiosa. No caso da escola yogacara isso assume a forma da *transmutação da consciência em sabedoria*. O contexto em que esta transformação enquanto prática ocorre é aquele da vida em comunidade, posto que o cultivo das virtudes pressupõe a dimensão comunitária da sangha.

O autor conclui, portanto, que as funções gerais e específicas não apresentam grandes implicações éticas. Já as funções benéficas, paixões e paixões dependentes estão profundamente ligadas a dimensão ética finalista apresentada no terceiro capítulo. As funções benéficas devem ser fortalecidas para que as paixões e as paixões dependentes sejam eliminadas e o devir cíclico cesse. Importante notar, segundo o autor, que não se trata de um processo passivo de

reconhecer uma verdade dada, mas sim de um processo de problematização em conexão com a realização da verdade.

A realização da verdade é precisamente do que se trata o quarto e último capítulo da obra de Monteiro. A tese de nosso autor é de que para a escola yogacara a verdade não é um dado, ela se realiza no processo de transmutação da consciência em sabedoria o que poderia sugerir um subjetivismo rejeitado por Monteiro, embora este reconheça que, para alguém que defende uma noção de verdade enquanto objetividade, o yogacara aparece como subjetivista.

Para explicitar essa tese segundo a qual a verdade na escola yogacara só é problematizada a partir do ponto de vista de sua realização, o autor apresenta duas observações fundamentais, a saber, avaliar a possibilidade de se pensar o conceito de verdade no pensamento yogacara, considerando o caráter ocidental do mesmo e situar esta questão no contexto das transformações do budismo na China moderna. No primeiro caso o autor nos apresenta a possibilidade de se pensar a questão a partir do conceito de Tathata como equivalente do conceito de verdade, no segundo caso temos um percurso histórico que vai de fins da dinastia manchu passando pela revolução constitucionalista e a *renascença chinesa* dos anos 20 e 30 cujo ponto fulcral é a noção de subjetividade, ou seja, os intelectuais chineses buscavam fundamentar filosoficamente uma subjetividade revolucionária capaz de se opor ao ocidente imperialista e aos manchus. É nesse cenário que textos da escola yogacara são reintroduzidos na china por Yang Wen Hui, um budista leigo considerado pai do moderno budismo chinês. Monteiro aponta aqui uma conexão entre o renascimento do budismo na China e o impacto que a busca de uma subjetividade e os estudos da tradição yogacara representaram.

Após esta contextualização histórica o autor retorna à questão da verdade na escola yogacara apresentando três temas relevantes para tratar do assunto, quais sejam, as três naturezas da mente, as três não-naturezas e a avaliação do conceito de Tathata que destas decorrem. As três naturezas se relacionam com as

oito consciências exprimindo em termos lógicos o que aquelas exprimem em termos psicológicos. Temos a natureza dependentemente originada equivalendo a doutrina da oitava consciência, a natureza falsamente concebida equivalente a sétima consciência e a natureza plenamente realizada, consistindo na realização das sementes supramundanas da oitava consciência que decorre da mudança no modo de operar da sétima consciência. Temos no yogacara, segundo o autor, a ideia de que só é possível pensar a verdade a partir de sua realização efetiva.

Em seguida Monteiro nos apresenta uma análise da relação entre as três naturezas e a doutrina budista das duas verdades, remetendo a uma breve análise de como a concepção de duas verdades evoluiu tanto no abhidharma quanto na escola madhyamaka. No primeiro temos o desenvolvimento de uma concepção que pensa asserções de verdade no campo discursivo, sendo o convencional aquilo nomeado no campo da experiência comum e a teoria dos dharmas que descreve aquilo que compõe fundamentalmente tal experiência. A escola madhyamaka, por sua vez desenvolveu um modelo segundo o qual a concepção de verdade rigorosa do abhidharma é vista como verdade convencional e há uma verdade transcendental, algo para além do discurso. De acordo com o autor a escola yogacara absorve em seu interior ambas as ideias acerca das três naturezas.

Quanto as três não-naturezas são elas a não-natureza das características que diz respeito aos dharmas falsamente discriminados pela “natureza falsamente concebida”, não-natureza da substância, que se refere a negação da substância em função da “natureza dependentemente originada” e a terceira que é chamada de sentido supremo de todos os dharmas e também de Tathata. Nesta o autor percebe uma contradição, a saber, no que diz respeito a concepção do Tathata como natureza permanente da consciência. Há nesse ponto a introdução de um monismo substancialista. Aqui nosso autor observa que temos no capítulo segundo do Tratado uma visão alternativa para se pensar o Tathata, que consiste em pensa-lo como ausência de falsidade sem a noção de permanência ao mesmo

vinculada. O yogacara aproxima-se do abhidharma clássico na medida em que a “natureza falsamente concebida” e a “natureza perfeitamente realizada” se apresentam numa relação excludente entre falso e verdadeiro. Quando consideramos a relação entre “natureza dependentemente originada” e “natureza perfeitamente realizada”, temos segundo Monteiro um modelo expressivo semelhante aquele apresentado pela escola madhyamaka.

O último ponto desenvolvido neste capítulo lida com as cinco etapas para a transformação da consciência, um processo gradual na visão yogacara. São elas acumulação, preparação, visão, cultivo e não-mais-aprender. Tais etapas são sequenciais e gradativas, ou seja, não se pode pular etapas enquanto se trilha o caminho da transmutação da consciência segundo o yogacara. A transmutação da oitava consciência é o ponto máximo desse caminho representado pelas cinco etapas, ela se torna a “grande e perfeita sabedoria do espelho”, temos também a sétima se torna a “sabedoria da igualdade”, a sexta se torna “sabedoria do discernimento prodigioso” e as cinco primeiras se convertem em “sabedoria da realização”.

Gostaríamos de concluir afirmando que o livro de Joaquim Monteiro vem preencher uma enorme lacuna em nosso país, em dois sentidos. Em primeiro lugar, por figurar entre os ainda poucos livros acadêmicos de estudos budistas. Além disso, trata-se, do primeiro livro no Brasil a tratar da escola yogacara. Livro recomendado para aqueles que se interessam pelo estudo acadêmico do budismo, bem como para o leitor que deseja ampliar seus conhecimentos acerca desta tradição tão diversificada. Aqui ele encontrará uma abordagem mais aprofundada do que aquela tipicamente oferecida pelas prateleiras das livrarias nacionais.